

P653

Biblioteca da
Câmara
L

REVISTA DO NORTE

ASPECTOS DE VIDA REGIONAL



EM SUPPLEMENTO: INFORMAÇÕES
GERAIS SOBRE O BRASIL, NOTAS
- SOBRE A VIDA HISPÂNICA.

THE
AMERICAN BOTANICAL GARDEN
HERBARIUM



HERBARIUM OF THE
AMERICAN BOTANICAL GARDEN

P653

PHASE 2ª

— JUNHO DE 1926 —

NUMERO 1



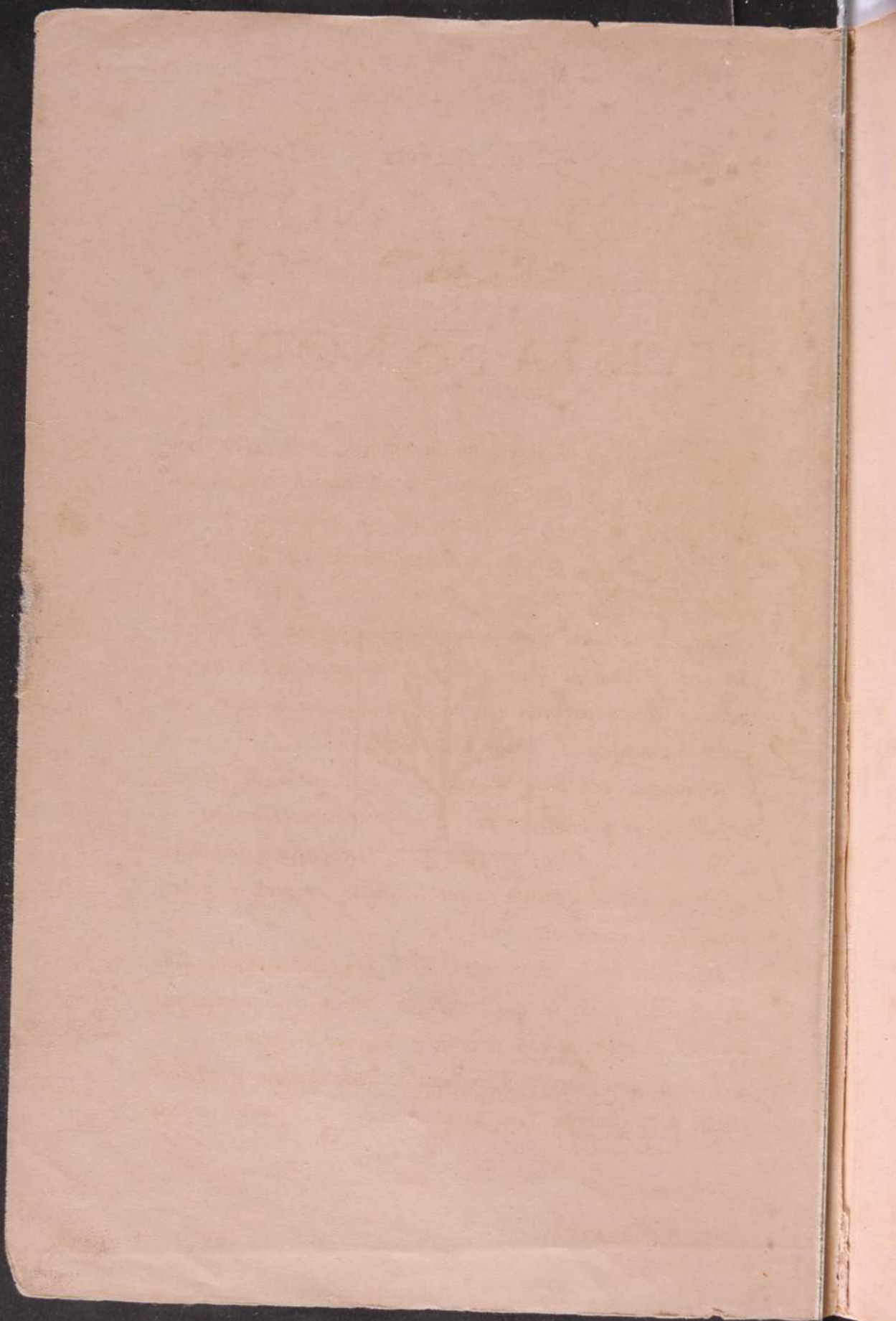
REVISTA DO NORTE

DIRECTORES: Joaquim Cardozo, J. M. C. de Albuquerque e Mello
e João Monteiro.

SERIE DE 12 NUM.—10\$000 — DE 6 NUM.—5\$000
NUMERO AVULSO—1\$000



PARA CORRESPONDENCIA: RUA NUMA POMPILIO 536
RECIFE. PERNAMBUCO. BRASIL.





REVISTA DO NORTE



O proposito de reforçar, pelo rythmo de suas paginas, de seu aspecto typographico, o rythmo do seu programma, é resultado o presente numero da Revista do Norte.

Com elle se inicia uma nova phase; já agora, as illustrações que costuma publicar a Revista, os assumptos a que se dedica e o seu material typographico se ajustam num conjuncto harmonioso de linhas e de côres.

Representa isto para Pernambuco a continuação de um trabalho e de um esforço por longo tempo interrompidos.

No Recife de 1706, um estranho e extravagante individuo deu-se ao enthusiasmo de juntar lettras e um prelo e imprimir e fazer correr orações.

Daquellas lettras do seculo XVIII, bem impregnadas ainda do amor e da fé dos Scriptoros, lettras a se alongarem em && arrebitados e ll compridos, seguros e ageis.

E imprimiu orações. Uma oração toda ligada a alguma dessas boas devoções bem pernambucanas: o primeiro traba

lho typographico de officina brasileira, impresso em folha solta, quando ainda vibrava, intensa, a lembrança do heroismo apostolico de Dom Frei Francisco de Lima, bispo de Olinda.

Tinha a unção piedosa das dôces rezas e tinha, tão harmoniosamente, o rythmo dos bons impressos quinhentistas. Havia de ser assim.

Bem depois foram chegando, desregradas num phantasiado mudo e esteril, as letras feias daquelles livros do seculo XIX. Livros tristonhos, longe de qualquer musica, já sem o dôce attractivo do Pii Lectores, do Finis Laus Deo, das dedicatorias á Excelsa Senhora Nossa, aos Principes e aos Bispos; já sem as grandes iniciaes encarnadas e as vinhetas rijas de fecho de capitulo.

E assim, todas as carinhosas preoccupações dos vibrateis editores de outrora, foram desdenhando e esquecendo os contemporaneos da superstição do conhecimento positivo.

Mas Pernambuco, naquelle tempo de santos longos que um buril piedoso, um buril mystico, ás vezes, gravava em madeira para imprimir, teve tambem a sua typographia.

Era modesta, mas tinha bellas letras; imprimiu orações e é bem possivel tenha impresso tambem alguma patente de irmandade com santo gravado em pedaço de cajazeira ou de umburana.

E é possivel que, por uma bôa casualidade, jamais em condições de se anotar, volte a ser impressa no Recife, em letras de talhe antigo, na mesma antiga disposição, documento do fervor e da vibração de uma epocha, aquella dôce ora-

ção, impressa em 1706, numa rude officina pernambucana.

Sensível ao encanto dessas longinquas e dōces possibilidades, sensível a outras possibilidades longinquas, cheia de fé e de certezas, é que a Revista do Norte apparece agora toda em letras de velho talhe, de firme e sincero aspecto. Quer continuar um trabalho interrompido, uma acção tradicionalmente ligada ao nosso sentimento. E se enche e ha de se encher de iniciaes vermelhas, de vinhetas e de frontispicios, de côres e de linhas, de cajús e de coqueiros, de jangadas e de chapéus de couro e de capellas de engenho.

A Revista do Norte quer fixar o rythmo do que vimos e fizemos, do que sentimos e havemos de sentir.



Revista do Norte que de agora vae se constituindo uma officina da bôa typographia, que pretende continuar a norma poderosamente expressiva da arte antiga de imprimir, sem manejos de elogios mutuos, sem desejos de gloria facil, não é como possa parecer a alguém um orgão destinado a exhumar velharias de antigos textos esquecidos, e sim orientada na grande lição dos processos modernos, uma esforçada colleccionadora de suggestões que o antigo nos pode fornecer com a limpidez de suas fontes alliada á nitida comprehensão do nosso scenario social em que a paizagem se apresenta num verdadeiro e singular character.

As vinhetas, as iniciaes, os *culs des lampes* que vamos adoptar serão não só aquelles que sendo accentuadamente nordestinos pelos motivos encontrarmos perdidos nos raros e artisticos livros antigos, infelizmente pouco accessiveis a todas as mãos, como aquelles que influenciados pelo mesmo rythmo tiverem o espirito de graça nova e uma linha de pesquisa sincera mesmo arrojada e audaciosa na estylisação da nossa flora e fauna como da representação dos nossos costumes ainda virgens desse cosmopolitismo de segunda mão que vae tristemente embrumando o nosso ambiente e a nossa alma.

Revista do Norte, sem preciosismo de linguagem, sem archaismos na impressão dos seus artigos, vae trabalhar com o mesmo ardor, o mesmo esforço, o mesmo amor desinteressado e fiel dos bons e sabios e primitivos fazedores de livros.



BEN



Estou p
Basta
qualidade
tordoam
Foi um
jectivismo
força" p
grande p
conhecim

Conh
Pernam
como o
capa p
sympat
mos a
via dis
Per
ticias e



BENEDICTO MONTEIRO



COM a morte inconcebível de Benedicto Monteiro, perde o Brasil uma das suas mais vivas e alacres intelligencias.

É sempre inconcebível a morte quando ceifa na mocidade, e principalmente se destroe uma organização rara, portadora duma vida mental tão superior.

Estou para ver ainda typo mais perfeito de renovador de padrões.

Basta ver o que elle nos legou, pouco na quantidade e muito na qualidade: traz patente um cunho de transição e um movimento que atordoam e mostram como sentiu profundamente os anseios da epoca.

Foi um temperamento "à outrance". O verso, levou-o elle a um subjectivismo accessivel apenas a intelligencias de escol. O seu "Poema da força" p. ex., fal-o-á passar por louco, aos olhos de quem não tiver grande percepção, ao menos intuitiva, dos phenomenos equivalentes ou conhecimentos integralizadores de physica e de mechanica.

Conheci o Benedicto, de vistas, cuido que em 1910, no Gymnasio Pernambucano. Era um adolescente macilento, esguio, apontado, então, como o alumno primo de mathematicas. Esta circumstancia não me escapa porque soffri um sarampo algebrico que o fez credor das minhas sympathias. Embora, porem, me impressionasse a sua figura, não chegámos a nos approximar porque fui um dos "maduros" que a lei Rivada-via dispersou, pouco depois.

Perdi-o de vista e, até que se diplomasse engenheiro, tive delle noticias espaçadas, pelos jornaes, nas epocas de exame.

E era tudo o que eu sabia da sua vida e da sua carreira, até que um dia, faz pouco mais de um anno, o meu amigo J. Maria Cardozo juntou as nossas palmas num encontro fortuito de "café".

Data dahi a nossa curta intimidade.

Tinha Benedicto duas armas poderosas: o riso e o cachimbo.

Eram armas simultaneas de defesa e ataque.

Dizia bem alto o seu cachimbo que não guardava preceitos idiotas e não temia o juízo burguez. Defendia-se com elle das posturas forçadas a que o meio obriga os accommodaticios.

E, se no calor duma polemica desferia a sua risada jovial e escancarada, era ella o seu argumento atordoante. Ficava o interlocutor sem bem apreender a significação daquelle riso franco: subterfugio talvez, talvez uma ironia. E parava medroso de argumentar, por não saber se Benedicto ironisava esgrimindo paradoxos por desfastio e gymnastica mental, ou se defendia com amor e fé o ponto seu de vistas.

Porque Benedicto era um fino "blaguer", muita mentalidade myope se escandalisava, levando a serio coisas que elle dizia por andar de humor prazenteiro e gostar de rir á custa alheia.

Mas, que querem? Era um visualista penetrante do comico dos factos e do grotesco dos homens. Á primeira inspecção apanhava a nota alegre.

Contaram-me que um engenheiro, a quem convidou para, d'improviso, architectarem juntos uma geometria não euclideana, a m dimensões, passou a consideral-o como louco. Nem todos entendiam o folgasão, bem poucos o "blaguer", e raros o intellectual.

Semelhante á sua rebeldia ao protocolo social, era a indisciplina interior do seu talento. Espirito inteiramente novo e liberto de influencias ancestraes mal comprehendidas, não admittia preceitos nem preconceitos. Sobre certos pontos, apresso-me a dizer, houve sempre entre nós dois antagonismo absoluto; não defendo, pois, meu credo.

Queria que tudo se fizesse com a consciencia e os factos do momento. Apanhava a idea e não a sujeitava a torturas disciplinares: es-

crevia ao sabor do acaso, permitindo que a phrase escripta suggerisse a seguinte. Tinha por isso todos os defeitos que, intoleraveis nos velhos escriptores, fazem o maior encanto dos novos que têm talento.

Nesta epoca de renovações em que tentam refazer as grammaticas, ainda não vi quem com tanta graça e melhor desarticulasse as phrases. É um estylo nervoso e mobil, ainda nebuloso que se ia condensar, ainda no periodo de formação, parecendo por ser pessoal e novo mais nebuloso e vago do que é na realidade.

Os estudiosos da mathematica desenvolvem as faculdades innatas do raciocínio e aprimoram os valores estheticos e a apreensão e a penetração, talvez pelo habito da analyse e o estudo de phenomenos abstractos, concretizados nas syntheses generalizadas das formulas algebricas.

Um curso de geometria bem feito é uma gasúa com a virtude magica de abrir todas as portas. Ensina a enfeixar num conjuncto toda a harmonia dispersa da vida universal.

Já notaram que os engenheiros quando se dão ás letras generalizam as questões tratadas e precisam as similitudes mais subtis?

As possibilidades, pois, que tinha Benedicto deante de si, com os valores adquiridos da sua cultura e os espontaneos da sua poderosa intelligencia eram vastas. E quanto deixam entrever estas primeiras tentativas de realização!...

E morrer Benedicto assim como uma corda estala ás primeiras vibrações sonoras duma partitura bella e inedita!...

E tal é a incomprehensão e o atordoamento que me vêm desta fatalidade absurda que somente encontro a escassez destes apontamentos fragmentarios.

A violencia do inesperado aturde e paralysa as faculdades creadoras. Alcanço claramente, apenas, a extensão da perda.

JOÃO VASCONCELLOS

AS PEDRAS

*Immoveis, numa attitude druidica,
as pedras despenham-se pelo valle
ou acocoram-se nas gargantas,
balançam-se feito meninos nos despenhadeiros.*

São uma multidão de sapos pretos, soturnamente.

*Os riachos vêm alegremente pelos córgos,
bem no leito, despreocupadamente.*

*Elles vêm em serenata,
cantando, tangendo as folhas,
os musgos e os capins das beiras,
e ao encontrar as pedras ferem-nas
como com o arco as cordas dos violinos
e Strasswinsky se ouve no fundo da matta muda.*

(INEDITO)

BENEDICTO MONTEIRO

Cardozo 92.5



BENEDICTO MONTEIRO

Velh

ru c

*

FOAQ

CARD



D
M.

Velhas ruas

*

JOAQUIM
CARDOZO



DESENHO DE
M. BANDEIRA

Velhas ruas!
cumplices da treva e dos ladrões
Escuras e estreitas, humildes pardieiros
Quanta gente esquecida e abandonada!

As varandas se alongam
num gesto attento e immovel de quem espreita
rumor sombra de passos que passaram
tacto de mãos ligeiras invisíveis

Velhas ruas!
cumplices da treva e dos ladrões
refugio do valor desviado e da coragem anonyma
sombra indulgente para os malfeitores
de quem occultaes os crimes
e a quem daes generosas
nos momentos de paz um conselho materno

Commovida e christã sabedoria

Espirito colectivo das gerações passadas
Estes muros que a ferrugem da noite roe
sugerem
o velado esplendor espiritual dos conventos
o rythmo das cousas imperfeitas
a volupia da humildade
o prazer da renuncia

Tremula dos lampiões
desce uma luz de peccado e remorso
e o caes do Apollo accende os círios
para velar de noite o cadaver do rio

DR. LEAL DE BARROS

Entre os que, em Pernambuco, se interessam pelas cousas do ensino, a morte do dr. J. C. Leal de Barros repercutiu com toda a intensidade de uma bem significativa perda.

Espírito talhado á antiga, plasmando as suas convicções scientificas á sombra de um estreito e modesto gabinete de perto de tres mil volumes, lidos e annotados, distribuiu, com raro brilho, erudição e merito, pela mocidade que o procurava sempre, as boas lições de sua larga vida de homem de sciencia.

Professor de francez no Gymnasio Pernambucano, era o dr. Leal de Barros um incansavel estudioso de questões philologicas.

O dr. Leal de Barros era, ainda, um mathematico.

Á mathematica dedicava bôa parte de suas preocupações de cultura. De larga intuição mathematica, não lhe escapavam as mais complexas questões de calculo.

SAMUEL LINS.

UMA INICIATIVA

Numa sympathica e forte iniciativa, a Associação Mariana de Moços Academicos, com séde no Collegio Nobrega, desta cidade, está a terminar os trabalhos de organização de uma escola nocturna para operarios, a se installar, dentro em breve, em predio carinhosamente cedido pelos reverendissimos padres Jesuítas.

Ha neste esforço dos rapazes da Associação Mariana um bello exem-

plo de enthusiasmo pela bôa causa.

Deste enthusiasmo que em nossos dias anda a empolgar, num surto unanime de reacção, o elemento mais representativo da cultura e das verdadeiras cogitações do momento.

Orientada em largo e sincero esforço de pesquisa, presentindo a necessidade de ampla revisão de valores e de noções, a mentalidade moderna, soffrega e já experimentada, havia de se tranquillizar afinal, e foi o que succedeu, entre os nobres e claros e rythmados ideaes da crença.

A escola para operarios representa entre nós um auspicioso começo. Os seus fundadores, que ali no Collegio dos Jesuítas vão se identificando com o vigor das bôas normas orthodoxas de acção e de estudo, prestarão bons serviços a Pernambuco.

Tudo indica que a escola, dentro em breve tornada um centro de actividade mental dos moços—ella é bem um estímulo—vá irradiando entre os operarios do Recife a sã alegria de aprender, o carinho de conduzir outros tantos ao estudo, o interesse por tudo aquillo que se liga á tradição religiosa do Brasil.

É forte o exemplo. E o exemplo de moços que dedicam um pouco de suas folgas ao ensino desinteressado suggere um tanto, é expressivo.

Até merece o nome de reacção.

No proximo numero da "Revista," a apparecer no dia 1 de Agosto, iniciaremos a publicação de NOTAS SOBRE A VIDA HISPANICA.

BENEDICTO MONTEIRO

UMA sequencia ampla de vibrações. Sempre assim a vida de Benedicto. Menino, a ouvir o chamado dos sinos das igrejas velhas de Goyana; rapaz, a se empolgar pelo que a sciencia dos homens offerece; rapaz ainda, a exigir mais do que a mera sciencia dos homens póde dar.

Um insaciavel. Um eterno apaixonado da investigação. Benedicto viveu uma investigação. É o numero que tão caracteristicamente soube incorporar a alguns de seus ultimos poemas, de intensa e sincera sofreguidão, exerceu sobre Benedicto permanente e interessantissimo fascínio. Chegou até a satisfazer, por um instante, aquella grande ancia de certeza que sempre o animou. Quasi chegou a arrastal-o ás bordas de um ingrato materialismo. A mathematica, porem, accentuou em Benedicto o impeto das soluções satisfatorias. Ao lado da exatidão mathematica, de cuja insufficiencia para responder as suas íntimas interrogações, cada vez mais largas, logo se apercebeu, Benedicto soube buscar aquella outra exatidão mais ampla, mais confortadora e rythmada.

Logo a encontrou.

Encontrou-a com a mesma facilidade com que, n'aquellas suas boas caminhadas a pé, em passo ligeiro, sacudindo os braços, a cabelleira muito sacudida pelo vento, ia encontrar, pelos povoados á beira das estradas brilhando de sol, dôces capellas de brancas ou ennegrecidas paredes e ornatos rusticos e ingenuos.

E Benedicto pisou, por um instante, as lages do claustro de S. Francisco, deante d'aquellas scenas do GENESIS, em azulejos de brilho vivo.

Tempo de Paschoa. Deante do crucifixo, lá estive de joelhos, na complexidade sublime da contricção. Complexidade christã e sobrenatural.

E tudo o que se lhe podesse seguir, Benedicto desprezou, como se desprezam, ás vezes, no decurso de operações mathematicas, certas quantidades infinitamente pequenas.

Desprezou sob a convicção plena que lhe trouxera aquella eterna mathematica mystica, que, tão rapidamente, tão syntheticamente, o fizera resolver a eterna equação.

J. M. C. DE ALBUQUERQUE E MELLO.

LIVROS NOVOS & ANTIGOS

TODA A AMERICA

Illustrado por De Garo, impresso por Pimenta de Mello, appareceu nos fins do ultimo Dezembro mais um livro de poemas de Ronald de Carvalho.

Neste livro que o poeta já applaudido de tantos livros verdadeiros teve o gesto elegante de mandar illustrar-o pelo extranho pintor De Garo, fortissimo pintor que deixou entre nós uma bem impressiva nota do seu valor com a expressão victoriosa e altiva da sua grande arte pessoal, ha o sentimento unanime de TODA A AMERICA, de todas as raças que luctam, trabalham e amam sobre o solo americano.

Corre por todos os apostolos do espirito moderno a ideia de que este novo rythmo reduz-se em synthese na apreciação de dois valores originaes na arte: a multidão e o inconsciente. Lendo-se a obra de Ronald de Carvalho nota-se que ha nella apenas multidão sendo o pensamento concatenado e explicito, ás vezes mesmo deslisando numa prolixidade talvez impropria á poesia mas que em determinadas circunstancias toma um relevo imprevisito, como este periodo do seu poema BRASIL:

*Eu ouço o chiar das caatingas
— Trilos, pios, pípios, trinos, assobios,*

*zumbidos, bicos que picam, bordões que
resôam retezos, tympanos que vibram
limpidos, papos que estufam, azas que
zinem, zinem, rezinem, cris-cris, cicios,
scismas, scismas, longas, langues
— caatingas de debaixo do ceu.*

Ahi ouvem-se bem todos os barulhos de nossas mattas e resalta o ruído longo, barbaro das cigarras.

Ao lado dos poemas de acção unanime veem-se no livro pequenos quadros de um colorido rico, cheio de sol, umas paysagens alegres de sol muito rico e muito intenso, de verdes e vermelhos muito intensos, compostas numa rapidez de visão surprehendida pela claridade. Pequenas paysagens pintadas com a pressa de quem viaja mas ainda assim apanhando os contrastes e contornos flagrantos.

Dos poemas geraes que são a parte principal do livro não comportando uma apreciação mais larga na estreiteza desta noticia apenas insistirei que elles representam uma bella descoberta do poeta e ao mesmo tempo um moderno e claro regresso ao americanismo — primeira expressão do sentimento local na litteratura brasileira como bem observou Tristão de Athayde.

J. C.

ordões que
vibram
as que
rix, cícor,
ues
eu.

os os ba-
e resalta o
cigarras.

de acção
pequenos
rico, cheio
alegres de
intenso, de
o intensos,
e visão sur-
Pequenas
a pressa de
m apanhan-
nos flagran-

são a par-
comportan-
larga na es-
enas insisti-
uma bella
ao mesmo
laro regres-
primeira ex-
ocal na lit-
bem obser-



FORTALEZA DE ORANGE. Ilha de Itamaracá.

A
D O
Confere

GILBERTO FREYRE

A PROPOSITO
DE
DOM PEDRO II

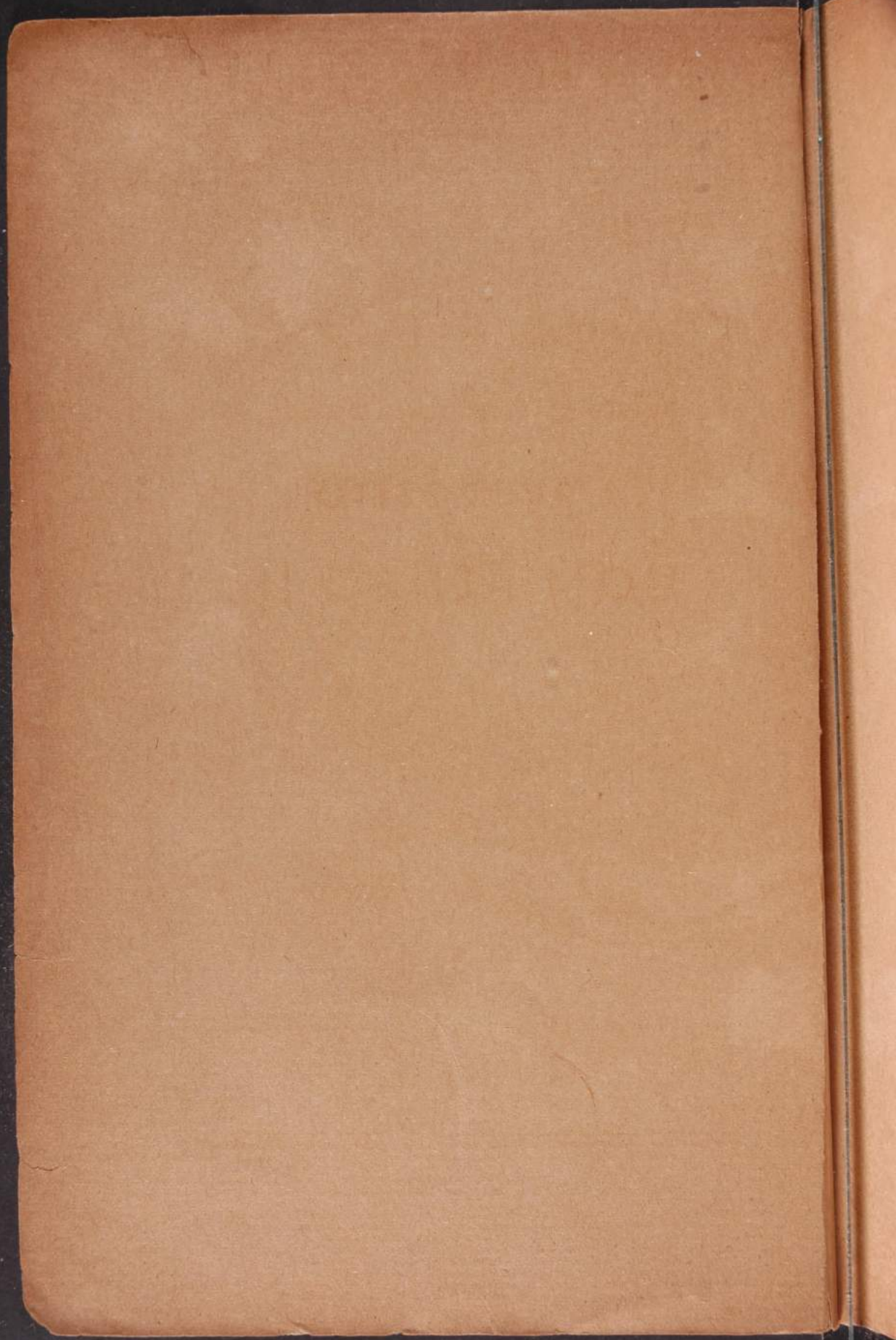
Conferencia realizada na Bibliotheca Publica do Estado,
no Recife, a 2 de Dezembro de

1925.

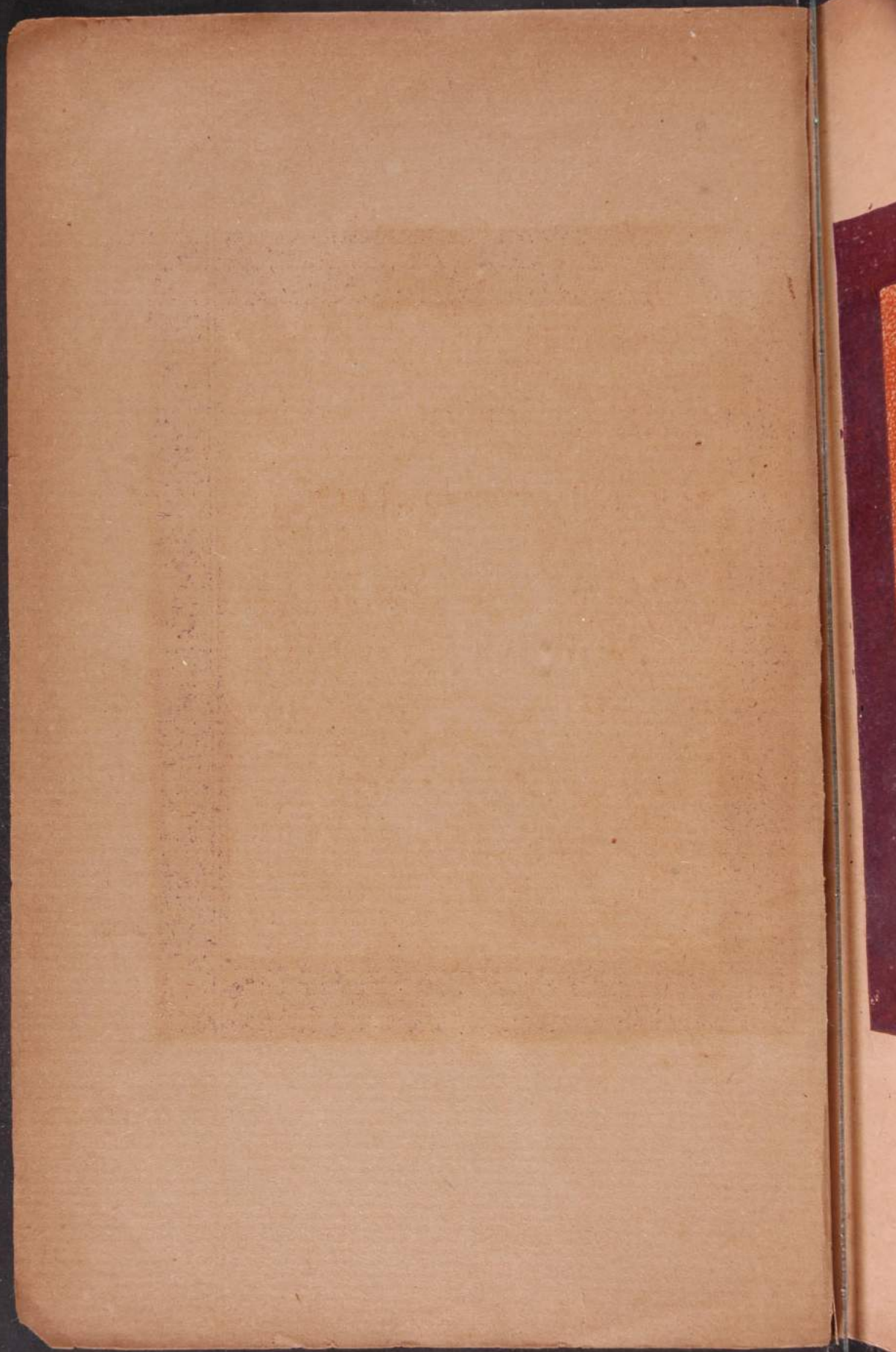
RECIFE

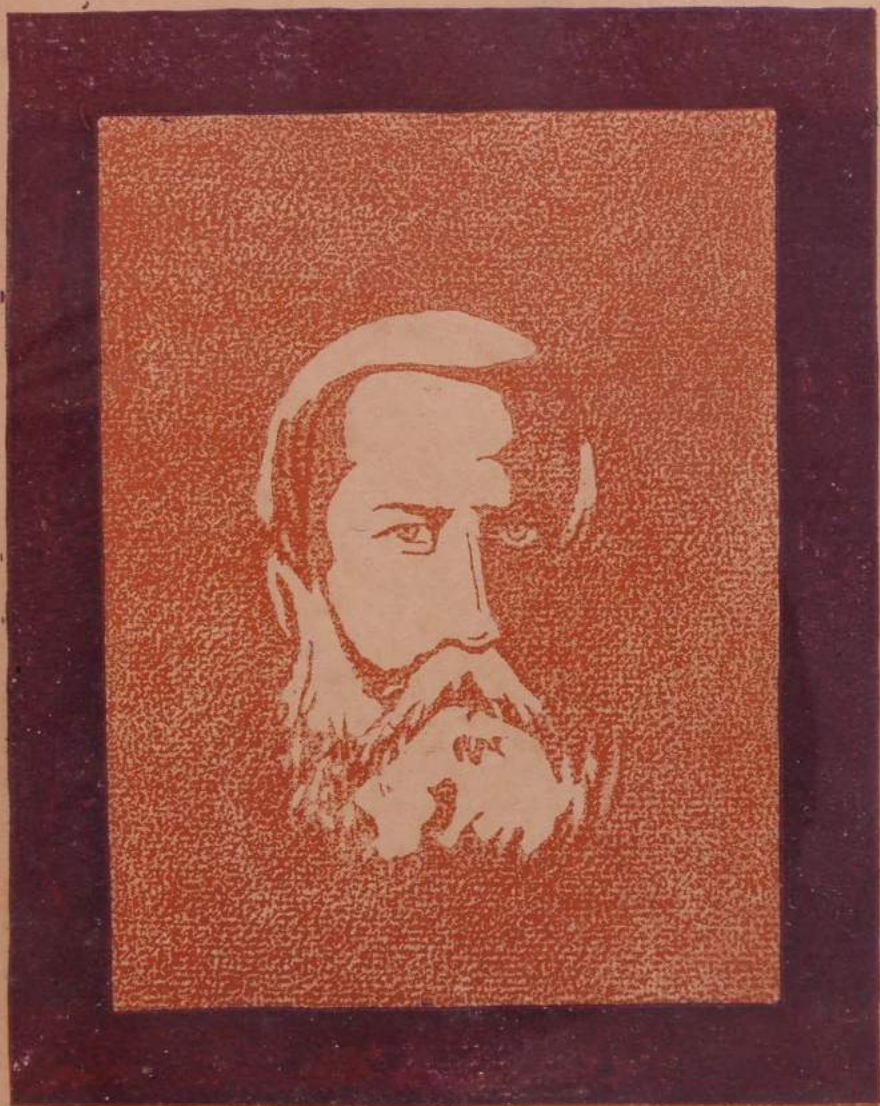
IMPRESSO NAS OFFICINAS DA *REVISTA DO NORTE*

1926



A PROPOSITO
DE
DOM PEDRO II







sas de defun
comprehens
Brasil.

O ambi
dia outro a
bra dos liv
nistros e o
ra que elle
justo que
tre os livr
palacio re
Imperio.

A cem
cisa da m
que já nã
setimo d
ultima p
parentes
Ora



cem annos de distancia do dia em que nasceu Dom Pedro II, reunamo-nos em volta do seu nome, não em hirto esforço necrophilo, nem com o senso, todo social e moral, que manda ir de preto e solenne e correctamente ás missas de defunto — mas animados da alegria intellectual de procurar comprehender uma grande vida, dramaticamente ligada á vida do Brasil.

Alegria intellectual.

O ambiente, aliás, não pede outra attitudo; nem o assumpto pedía outro ambiente. O ambiente de uma bibliotheca. A doce sombra dos livros. Entre os livros, mais que entre as casacas dos ministros e os decotes das viscondessas, viveu Dom Pedro II; e agora que elle é morto, e passa o centenario do dia em que nasceu, é justo que falemos de sua vida entre os livros que tanto amou. Entre os livros que amou demasiadamente. Entre os livros que no seu palacio recebia, como Pedro I ás mulheres: antes dos grandes do Imperio.

Á doce sombra dos livros.

A cem annos de distancia, um morto que nos interessa não precisa da nossa condescendencia. Nem da piedade de ninguem. Porque já não é um morto. Mortos são os que morrem nas missas de sétimo dia: na ultima luz de vela liturgica que então se apaga; na ultima palavra convencional de elogio que então se diz entre os parentes de luto.

Dom Pedro II não precisa da condescendencia de ninguem.

Ora Dom Pedro II chega até nós, uma grande saudade o faz

*Le Roi est
mort;
vive le Roi!*

viver. Nunca em torno de um nome de rei foram mais fortes os gritos de *Le Roi est mort; vive le Roi!* Gritos de saudade. Saudade não de um rei, mas do Rei.

*A gloria de
martyr.*

Á sombra destes livros e diante de uma figura em certo sentido tão viva — falemos sem uncção necrophila. Não nos interessa sacrificar em Dom Pedro II seu justo relevo humano para o alongar mystica ou piedosamente em anjo ou em santo ou em heróe. Elle não foi nem santo nem anjo nem heróe. A queremos exaltal-o a alturas lyricas ou epicas, o justo é lhe concedermos a gloria de martyr. A gloria de martyr a esse pobre querido Dom Pedro que da meninice não recolheu nenhum sabor, nem da mocidade nenhum encanto — tão cedo se lhe abafaram todas as alegrias de viver, primeiro sob as sombras e logo sob as dobras hieraticas do manto de imperador, a este pobre querido Dom Pedro cujo louro cabello todo se embranqueceu na grande dôr brasileira da guerra com o Paraguay, e que foi no fim da vida negado e trahido como um Rei Lear, a quem não faltasse a aureola dramatica das barbas mais tristemente brancas que ainda se viram em rosto de imperador. Barbas de Anno Velho das caricaturas de Anno Bom.

*Menino
triste e só.*

Menino mais triste e só que o ha cem annos nascido no castello da Bôa Vista, em São Christovão, difficilmente se imagina. Sua vida é uma serie de impressões de cinzento. Alguma Frau Sorge cá dos tropicos decerto o viu nascer, e sobre elle deitou toda a acidia do seu olho mau. E sob a acidia desse mau olhado, quase não brincou nem riu o filho de Pedro I, antes se fez tristemente homenzinho aos nove ou dez annos, entre as lecções de latim e historia sagrada do carmelita pernambucano Frei Pedro de Santa Marianna e as de litteratura do marquez de Sapucahy e as de calligraphia de monsieur Boulanger e as de allemão do doutor Shuch e as de francez de

*Sem liberda-
de de brin-
car.*

monsieur Boiret e as de geographia e historia de monsieur Taunay e as de inglez de mister Lucas.⁽¹⁾

Estava, aliás, nos habitos do Brasil do seculo XIX, o de sacrificar a meninice dos meninos á tola vaidade de os fazer prematuramente homens. Viajantes estrangeiros da epocha — Rendu, Denis, Fletcher, Kidder, Walter Colton — todos destacam esse melancolico ridiculo da vida brasileira. E é de facto um Brasil, o de 1830, 40, 50, 60, em que as meninas, cedo mães dolorosas, mal experimentam o prazer da meninice. Aos doze annos — a idade da saia comprida de brinquedo — já a vestem a serio para ir á missa pelo braço do marido de cartola. Aos quatorze annos — a idade dos bebês de mentira, de panno ou de louça — já os teem de verdade e de carne. E os meninos aos oito annos já são uns sombrios, já sabem o nome dos tres inimigos da alma; já sabem sommar, multiplicar, dividir; já declinam em latim. Andam a passo de enterro e de preto e chapéu e roupa de homem. Nos dias de domingo e de festa e Primeira Communhão apresentam-se de sobrecasaca preta e calça preta e borzeguins pretos. De luto, talvez, da própria meninice.⁽¹¹⁾

Isso no caso dos meninos em geral. No caso do filho de Pedro I, multiplique-se tudo por 10 ou por 20. A liberdade de brincar — a maior, ou pelo menos a melhor, de todas as liberdades — não a conheceu Dom Pedro II, filho de imperador. Triste e sozinho filho de imperador, quase sem companheiros de brinquedo, sem poder, como os filhos de senhor de engenho, brincar de carrousel nas alman-

(1) B. Mossé — DOM PEDRO II, EMPEREUR DU BRÉSIL. Paris 1889.

(11) Gilberto Freyre — ASPECTOS DE UM SEculo DE TRANSIÇÃO-1825-1925. LIVRO DO NORDESTE, ed. do "Diário de Pernambuco". 1925.

jarras, com os moleques seus leva-pancadas; nem armar arapucas com rodellinhas de banana para apanhar curiós; nem tomar banho de rio chupando cajú; sem poder, como os meninos da cidade, empinar papagaio ou jogar pião ou comprar ao postigo rolete de canna ou cocada ás negras de tabuleiro. E sem ouvir histórias da carochinha ou bruxedo das pretas velhas de *cabeção* picado de renda e molles seios cahidos — histórias de mãe d'agua e sacy. Apenas fabulas de La Fontaine contadas pelo monsieur Boiret, no seu francez todo ossos de pedagogo official.

Ora vêde: não teve a liberdade de menino quem não teria a de homem.

U'a meninice sem gosto nenhum de meninice, a de Dom Pedro II. Abafada, tristonha, só. (1)

*Imperador aos
15 annos.*

E aos quinze annos pesa-lhe sobre a cabeça loura de adolescente fino e franzino, pallido e livresco, creado mais á sombra que ao sol, todo o peso duma corôa enorme. Enorme corôa que a mão potente de Diogo Antonio Feijó — Diogo Antonio, nome de roma-

(1) «Ás 7 horas da manhã, impreterivelmente, devia o imperador levantar-se. Depois fazia sua "toilette" e rezava, dando graças a Deus. Ás 8, almoçava em presença do medico, a quem cumpria examinar a comida e não consentir que elle comesse de mais. Descansava até ás 9 horas, e estudava, desde então, até ás 11 e meia. Em seguida poderia divertir-se, passear pelo Paço, até 1 e meia da tarde, quando se preparava para o jantar, que seria ás 2 horas. Ás 2 em ponto começaria o jantar em presença do medico e do camarista e, quando possivel, da camareira-mór. Só poderia conversar á mesa sobre assumptos scientificos ou de beneficencia. Após a refeição não devia saltar, nem se applicar em coisa alguma nem, muito menos, dormir. Ás 4 e meia, ou 5 horas, consoante a estação, passeava no jardim, devendo recolher-se cedo, antes do cahir da noite. Findo o passeio, devia ler livros e cousas compatíveis com a sua idade e o seu desenvolvimento intellectual, tendendo essa leitura, progressivamente, para assumptos cada vez

no! — acabara de salvar num acre e intenso e pungentissimo esforço, detendo-a, contra a damnção demagógica.

Curiosa surpresa, a de Pedro II, depois de Pedro I. Depois de Pedro I, todo instincto, todo volupia de mando, mal sabendo lêr, mal sabendo escrever, voz malcreada de capitão de brigue, bocca em bico de prognatho, fortes bochechas de quem assopra corneta, perfil agudo de satyro — Pedro II, esquivo aos brilhos vivos da acção como ás sombras doces do amor, desdenhoso do poder, embora com o instincto do mando, voz de menino aos 50 annos, rosto de avô aos 25, livresco e aos 12 annos mais sabedor de franchez, de geographia, de latim, de arithmetica que o seu livre e augusto pae.

De surpresas assim está cheia a historia: ellas teem o encanto de repellir as generalizações das mesdames de Thèbes da sociologia, como o idiota sr. G. Le Bon. Não conheço surpresa maior que a de San Luigi Gonzaga descender de Vincenzo Gonzaga. Depois de Vincenzo, em cuja côrte tão voluptuosamente se vive que a comida é aromatizada para estarem sempre as boccas em acre fragrancia para os beijos — San Luigi recusando-se, ainda menino, num brinquedo, a beijar á parede a sombra duma menina, e deitando cinza

mais profundos. Ás 8 da noite faria oração, ás 9 cearia e ás 9 e meia ou 10 horas devia deitar-se. Roupas, não podia vestir as que quizesse porque competia a um seu creado proporcionar-lhe vestuario compativel com a temperatura. Banhos, e a propria temperatura delles, era o medico quem determinava. E até, vivendo com suas irmães sob o mesmo tecto, no Paço de S. Christovão, só lhe era permittido ir aos aposentos dellas, quando já tivessem almoçado.»

(Resumo do "Regulamento do Serviço do Paço e das Pensões Imperiaes" por Mozart Monteiro, em "A Infancia do Imperador," O JORNAL, 2 de Dezembro de 1925.)

*Dom Pedro II,
depois de
Dom Pedro I.*

*Era victoriana
na brasileira.*

á comida. Dom Pedro II não chegou aos extremos do santo, mas de muita cinza salpicou sua vida e a da côrte imperial. E com a maioridade começa para o Brasil uma epocha bem caracterizada nas suas tendências e virtudes. No seu cinzento. Especie de era victoriana. D. Pedro projecta sobre a vida brasileira uma sombra de rainha Victoria; (1) uma sombra de governante inglesa ou suíssa rigidamente presbyteriana.

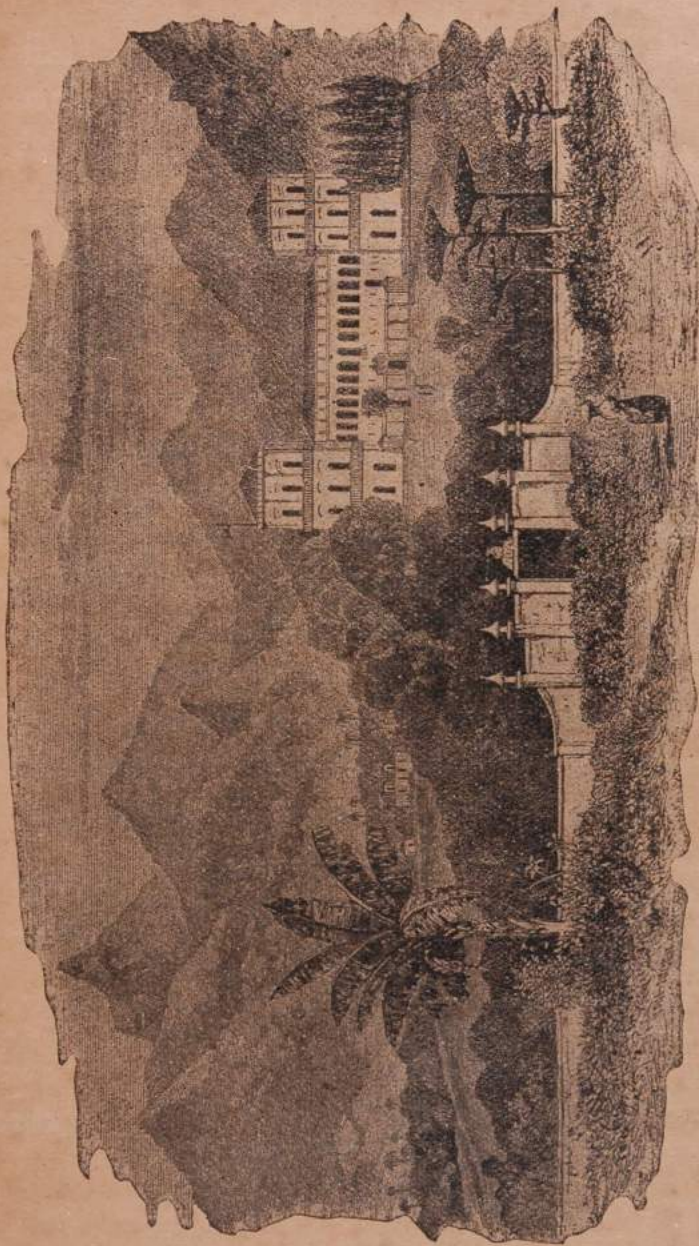
*Do cinzento
claro para o
cinzento escuro.*

Á sua vida como a da sua côrte faltou certo *brilliant setting of sin* — phrase de Walter Pater que não traduzo para não perturbar com ella nenhuma imaginação de adolescente. De modo que se tem a impressão de um processo de acinzentamento, estudando o reinado de Pedro II. De cinzento claro para o cinzento escuro. É bem escuro o cinzento da *noite historica* de que fala Raul Pompeia. Dir-se-ia um enterro de 2ª ou 3ª classe, o fim do Imperio no Brasil, diante do *pronunciamento* de 15 de Novembro. *Um coche negro* — diz Pompeia — *puxado a passo por dois cavallos que se adiantavam de cabeça baixa, como se dormissem andando. Á frente duas senhoras de negro a pé, cobertas de tristes véos, como a buscar caminho para o triste vehiculo.* Uma dellas devia ser Frau Sorge.

*Moralismo
melancholico.*

Dizer-vos que o Segundo Imperio foi no Brasil, pela tyrannia moral de Pedro II, um periodo melancholicamente virtuoso — isto não hesito. Não é que a virtude não se possa aguçar em alegria artistica. Não é que não exista uma esthetica da virtude como existe uma esthetica do peccado. Ha vidas de santos que chegam a ser tão interessantes como as dos grandes peccadores. São Francisco de

(1) Gilberto Freyre—Social Life in Brasil in the Middle of the 19th Century.



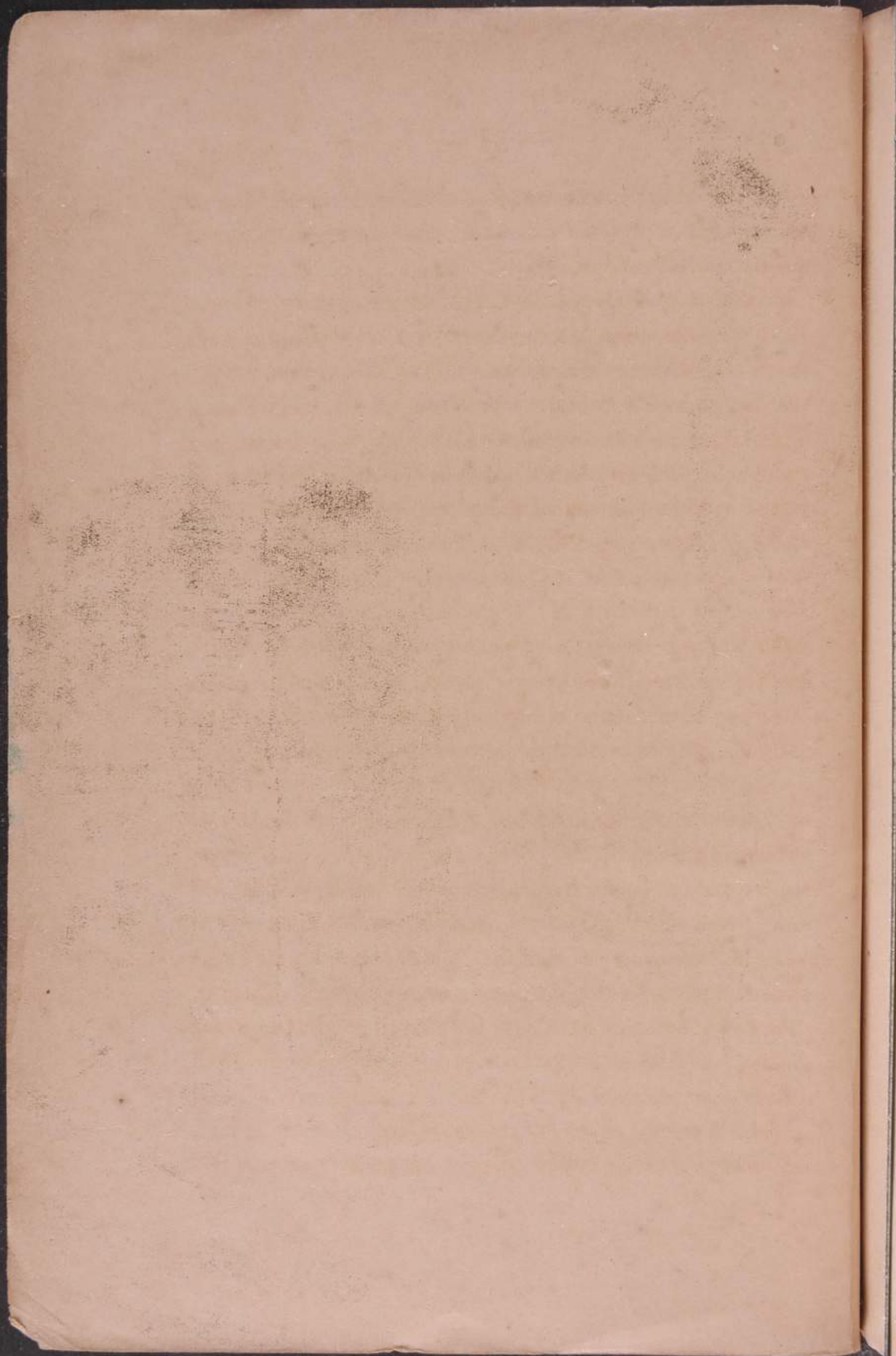
O ANTIGO PALACIO DA BÒA VISTA. RIO DE JANEIRO.

do santo, me
perial. E com e
n caracterizac
cie de era vis
ma sombra de
a ou suissa e

ant setting e
não perturbe
do que se tem
ando o reino
scuro. É bem
aul Pompeia
perio no Bra
m coche de
allos que se
andando
tristes vós.
a dellas de

ela tyrannia
oso — isto
alegria ar
omo existe
n a ser tão
ancisco de

Century.



Assis, por exemplo, viveu uma vida deliciosamente lyrica. Uma vida que centenas de annos mais tarde viria encantar um aristocrata do peccado como Oscar Wilde.

Mas a esthetica da virtude só a conseguem os santos nas suas vidas: os governantes que se parecem ás governantes, como Cromwell, não na conseguem nem nas proprias vidas nem na dos povos que pretendem tyrannicamente acinzentar em presbyterianos. O periodo de reacção puritana na Inglaterra é uma quadra horrivelmente tristonha. Dá saudade dos dias de Wolsey com ruge-ruge de sedas e lampejos de purpura e esplendores de côr e o vinho a avermelhar de largas manchas alegres a pallidez das tapeçarias e bois inteiros a assar na cozinha de Christ Church; dá saudade da *Merrie England* de Henrique I, com brigas de galo, cheias de salpicos de sangue, reunindo em festa a loura nobresa dos castellos; dá saudade dos dias da rainha Elizabeth com o theatro de Shakspeare e a poesia livremente lyrica. A tyrannia moral tem o inconveniente de dar saudade dos proprios excessos do peccado. A Inglaterra sahe do periodo puritano toda acinzentada para de novo se animar de côres na contra reacção que estabelece, emfim, certo equilibrio na vida inglesa; e recupera para a imaginação e para os sentidos direitos por um momento abafados. Volta a animar a vida inglesa certo *brilliant setting of sin* que apenas empallidece sob os roxos véos de viuva da Rainha Victoria; mas não de todo, porque sob Victoria é primeiro ministro Disraeli, com aquelle seu rosto recurvo de polichinello e os restos daquelle seu luxo israelitico de vestir-se de setim e velludo; e filho de Victoria é Eduardo VII; e ainda sob Victoria é que apparece o *Yellow Book*.

*O exemplo in-
glez.*

Eu não estou a desejar que a côrte de Pedro II tivesse sido escandalosa e cheia de brilhos de peccado: apenas que tivesse sido

*Uma côrte
mais suggestiva.*

mais elegantemente mundana; mais dramatica; mais rica de suggestões de belleza para a imaginação burguesa e popular. Fala-nos um moralista nas *obscuras virtudes tão raras e tão precisas no lar domestico quão nocivas á popularidade dos príncipes*. Dos príncipes de toda a especie. E o conceito me parece justo.

Não é que os príncipes devam viver ás claras: nada mais repugnante que esta maxima da ethica positivista. Sob um criterio rigidamente moral, peccar ás claras será talvez superior a peccar á meia-luz. Mas sob o criterio esthetico-moral, peccar á meia-luz é mais bonito. Peccar e fazer o bem. Nada mais horrivel do que o homem que trabalha, dando a todos a impressão de que trabalha: o bonito é trabalhar dando a impressão da mais oriental e molle das preguiças.

*O desinteressante
se pelo cinzento.*

Ao segundo Imperio faltou essa suggestão de peccado á meia-luz, que torna tão cara á imaginação popular uma figura de príncipe ou de artista. A imaginação brasileira cedo se inteirou de que a vida mais cinzentemente puritana se vivia na sua côrte, e desinteressou-se della.

*A imaginação
brasileira e a
liturgia do Poder.*

Pedro II fez-nos na verdade mergulhar no mais inesthetico dos puritanismos; dirigiu a falada *nau do estado*, dos caricaturistas e dos discursos parlamentares, para um triste mar morto; exaggerou-se na tyrannia moral para falhar na esthetica ou ritual do Poder—elemento tão caro ao sentido de belleza de um povo nascido sob o encanto da liturgia da missa; creado entre os esplendores de ouro vivo e os lampejos de roxo e de verde das *missões* dos padres da S. J.; entre a symbologia viva, dramatica, ás vezes tragica da Egreja—chimeras, aguias, monstros, serpentes, folhas de louro, cardos; entre os azues mysticos do culto da Virgem; e á sombra dos baldaquinos; e ao rhythmico dos lentos gestos de padre baptizando, ca-

sando, abençoando, esconjurando, ajoelhando-se, exaltando Nosso Senhor, louvando no mais doce dos latins o nome de Nossa Senhora — *Mater Inviolata, Rosa Mystica, Regina Sacratissimi Rosarii* — cantando em voz grave o *Adoremus Dominum*, fazendo o Pelo Signal da Santa Cruz, levando aos doentes Nosso Pae, erguendo o Santissimo ante os doentes de joelhos, dando a beijar a amethysta, benzendo tachas e fornalhas de engenho. Povo assim nascido e assim creado, não nasceu nem se creou para ver os seus destinos ligados ao cinzento de uma cartola, sob a qual de quatro em quatro annos se ageita uma cabeça de politico, em geral menor que a cartola; nasceu e creou-se para ver os seus destinos ligados ao ouro vivo de uma corôa. Para isso o predispoz uma historia á parte do conjuncto da historia americana.

Ora, meus senhores, D. Pedro II foi o primeiro a desdenhar da corôa; e a apresentar-se de cartola aos olhos do seu povo. E á testa da monarchia brasileira, egreja manuelina a pedir missas pontificaes, elle nos dá esta idéa melancholica: a de um pastor protestante a officiar em cathedral catholica. Na verdade elle não officia: o liturgico lhe parece desprezível. Apenas sermoniza, moraliza, prega. Ramalho Ortigão lamentando em D. Pedro o recluso, o especulativo, o refractario á marcialidade, a sua falta de *brilho vibrante e communicativo*, nos dá este tristonho flagrante da vida de côrte no Brasil do segundo imperador: *para evitar os solavancos da estrada o corpo diplomatico ia ao paço de bonde e seguido pelas carruagens vazias levando os espadins.* (1) E no meio de tudo isto, o imperador com vergonha do papo de tucano, que afinal

*Imperador de
cartola.*

(1) Ramalho Ortigão — O Quadro Social da Revolução Brasileira.

cahe no ridículo. O imperador a sahir, a tirar o retrato e a governar de cartola liberal. O imperador a exceder-se de tal modo na tolerancia que permite o espirito de indisciplina dentro do proprio exercito. Dahi o estado de *anomia detestavel* em que vivia o Brasil nos ultimos annos do Segundo Imperio e ainda vive: majores e tenentes positivistas — filiados ao systema philosophico da Ordem e da Auctoridade, hoje incorporado ao realismo politico de Maurras — é que se revoltam contra a Ordem e a Auctoridade como si lhes competissem iniciativas politicas. O paradoxo é o de um relógio que de repente se revoltasse contra a sua funcção de marcar as horas na sequencia natural, e as marcasse em sentido contrario, para mostrar vontade propria.

No meio dos livros Pedro II perdera de vista o Brasil: um Brasil que o queria não de cartola mas de corôa, e marcial, sacerdotal, liturgico, em relevos de acção. Um Brasil que o queria mais para o vêr de sceptro e reinando e a cavallo, do que para lhe ouvir os discursos e as phrases de censor moral.

A importancia dos ritos; a Igreja; Patmore e a liturgia.

No dia em que a Igreja Catholica, pelo seu chefe, fizesse com a sua liturgia o que com a do poder imperial fez no Brasil Pedro II — tambem a Igreja Catholica, a mais forte organização que se conhece, acabaria melancolicamente desconjunctando-se. Foi dos ritos da Igreja que escreveu Coventry Patmore numa das paginas mais subtis e mais fundas de *Religio Poetæ: not one can be destroyed or altered without risk of some unknown loss* — e D. Pedro II não é certo que tenha reinado sem governar, conformando a celebre definição dos reis *castrati* do constitucionalismo. Seria antes justo dizer que elle governou sem reinar. Governou com uma tyrannia moral, ás vezes estreita, de governante ingleza. *O Senado, o Conselho de Estado viviam do seu favor, de sua*

Dom Pedro II governou sem reinar.

graça — diz-nos Joaquim Nabuco, (1) E o sr. Assis Brasil confirma o depoimento de Nabuco: *a sombra do throno cobria tudo mais.* (11). *É elle só* — continua Nabuco — *quem regula os accenos e as garantias.* Mas tudo pelo só criterio moral. Tudo pelo criterio de governante ingleza. E de tanto manejar o lapis encarnado de censor moral, o falado *lapis factidico*, D. Pedro acaba quase perdendo o geito de empunhar o sceptro.

Póde-se com justiça desejar, meus senhores, que D. Pedro II tivesse sido um monarcha, sinão de vida mais movimentada, menos moral e philosophicamente preocupado; menos livresco; menos neto de Marco Aurelio; menos voltaireano; menos amigo e admirador de Victor Hugo; menos interessado em *fingir que governava um povo livre*, segundo o epigramma attribuido a Ferreira Vianna; menos sensivel á opinião liberal e litteraria da Europa a seu respeito; e mais attento ás realidades brasileiras; mais dentro do momento social e politico; mais em dia com a vida de um povo de senhores, adherentes e escravos; mais desdenhoso da opinião européa sobre as condições de um Brasil joven, desigual, ainda nas primeiras provas typographicas de sua formação; mais marcial; mais imperador para os olhos dos brasileiros do que para os ouvidos de Gladstone e Victor Hugo; mais liturgico; mais sensivel á alliança do Throno com a Igreja e o Exercito e a Terra — os grandes senhores de engenho; mais neto de D. Carlota Joaquina; mais sobrinho de D. Miguel; mais leitor de Gama e Castro.

Quando o Principe D. Luiz — bello esboço de D. Sebastião brasileiro a quem a morte não permittiu tomar definido relevo — es-

(1) Joaquim Nabuco — Um Estadista do Imperio. (11) Assis Brasil — Do Governo Presidencial.

Outro Pedro II — segundo a necessidade do momento brasileiro.

*A crítica do
Príncipe Dom
Luiz.*

creveu em *Sob o Cruzeiro do Sul* que o erro principal da Monarchia foi preferir como base de sua auctoridade as idéas abstractas aos fundamentos naturaes que os ensinamentos do passado lhe poderiam indicar, mostrou que o erro do seu avô, via-o elle, D. Luiz, claro e fundo como nenhum crítico da monarchia até então. E com o ponto de vista do Príncipe confluem críticas recentes do sr. Oliveira Lima (1) e do Prof. Percy Alvin Martin, (11) da Universidade de Standford.

*A insufficiên-
cia do presti-
gio moral.*

Foi exactamente pelo *espírito paisano*, especie de calvinismo politico, a roer-lhe de dentro para fóra a magestade, que apodreceu a madeira do throno brasileiro, pela sua dependencia exclusiva de prestigio moral. Dahi a observação de um estrangeiro contemporaneo do throno — Ramalho Ortigão: *O imperador é um homem bom, na mais larga accepção desta palavra, dotado de todas as grandes e bellas qualidades oppostas ás que deveria ter o chefe de um estado adolescente, rico, imaginoso, poetico, qual o Brasil...um rei accumulando a percepção da indole juvenil, impetuosa de seiva, um tanto impaciente e tumultuaria das nações americanas, com o sentimento europeu da disciplina, do prestigio e do commando...* (111)

*Superstição da
"solução jurí-
dica."*

Dom Pedro II é bem um governante de cartola: começa por ter a superstição da *solução jurídica* de que fala, em interessante estudo, o sr. Gilberto Amado. E com a superstição da *solução jurídica*, e do liberalismo que o leva a desprestigiar não só o Exercito como o Alto Clero e a rustica nobresa de senhores de engenho. Sir-

(1) Oliveira Lima — Aspectos da Historia e da Cultura do Brasil.

(11) Percy Alvin Martin — Causes of the Collapse of the Brazilian Empire. (111) Ramalho Ortigão — O Quadro Social da Revolução Brasileira.

va de exemplo a força que elle dá ao governador Chichorro da Gama e á sua policia intrusa, contra os senhores de engenho de Pernambuco.

Pedro II como que evita governar brasileiroamente o Brasil para o governar segundo conceitos da ideologia liberal, então a irromper dos versos bombasticos de Victor Hugo e dos discursos de Gladstone. São os livros — mais uma vez se destaque — que o fazem perder de vista o Brasil. E livro contra livro — um “pronunciamento” de majores e tenentes livrescos, professores de mathematica e astronomia, seus protegidos, é que o expulsa do throno.

A D. Pedro II faltou a noção romantica de ser orthodoxo, de que fala Chesterton. A D. Pedro e aos seus estadistas. É por isto que as suas casacas todas se acinzentam quando no meio dellas se aviva, num forte relevo de contraste, o roxo da murça de D. Frei Vital. Quase o unico orthodoxo no Brasil do Segundo Imperador. D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira. E em volta delle titulares e conselheiros do Imperio ficam quase do tamanho de titulares e conselheiros de Eça.

Conservadores e liberaes são rotulos sem sentido no Brasil de Pedro II. O que todos querem é apostar carreira pela *Senda do Progresso* que se torna em todos os sentidos a *Estrada Real*; o que todos querem é ver quem chega mais depressa á negação da Auctoridade ou á sua redução ao minimo. A obsessão é a da Liberdade, da Democracia, do Progresso. O facto é reconhecido pelo proprio Ruy Barbosa, em discurso pronunciado aos 25 annos, (1) e que eu, não sei si por patriotismo de idade, acho de um

Livro contra livro.

O “romance da orthodoxia.”

Confusão; todos na carreira democratica e liberal.

(1) Ruy Barbosa — Discurso em favor da eleição directa, Theatro S. João da Bahia, 2 de Agosto de 1874.

mais toleravel sabor que os seus discursos de 50 e 60 annos. Ao jovem espirito do orador bahiano a confusão entre *liberaes* e *conservadores* se afigura *anomalia detestavel*. E recorda a proposito o exemplo da Belgica onde, em 1864, quando um chefe catholico apresentou ao rei um programma de reformas liberaes ou antes radicacões, observou-lhe o monarcha: *Tudo isto é muito sensato, é seductor até; mas si ides apostar com o partido liberal a carreira democratica, aonde iremos parar?*

Faltou-nos no Brasil quem perguntasse aos conservadores, a confundir-se cinzentamente no liberalismo dos liberaes, aonde iriamos parar nesta corrida de bicycleta pela *Senda do Progreso*. Nesta doída corrida liberal. Era ao Imperador, decerto, a quem primeiro cabia a definida attitude orthodoxa. A reacção. Mas o Imperador — tambem liberal, voltaireano, maçon, amigo de Victor Hugo — fallou.

Nova impressão de cinzento.

O branco e o preto.

Olhando-se hoje o Segundo Imperio tem-se uma grande impressão de cinzento. Cinzento não só moral, mas politico. Faltam-lhe á paizagem politica, contrastes vivos, fortes, definidos. Contrastes de branco e preto. Falta-lhe á vida o embate de energias divergentes. O liberalismo a quase todos acinzenta numa conciliação accaciana e bem ao sabor do seculo. Do seculo que na propria arte acabava se esfumando todo nas telas de Whistler, e dizendo com Verlaine *Pas de Couleur. Rien que la Nuance*; e com Renan, ou não sei que discipulo seu, ser o cinzento a côr da verdade. Do seculo que de tanto se esbater em côr de rosa e cinza acaba provocando a reacção formidavel do Expressionismo; e aquelle grito joven e claro de Ernesto Psichari, neto de Renan, exaltando a dura e acre natureza africana pelo definido do seu branco e do seu preto; pela sua nenhuma *nuance*.

Eis o que falta á paizagem moral, politica, intellectual do Brasil de Pedro II: o preto conservando-se corajosamente preto contra o branco, a coexistencia de definidas energias divergentes, combatendo-se em egualdade de forças, Chesterton — ensaista inglêz que no Brasil conhecemos o sr. Antonio Torres, o sr. Gilberto Amado, eu e dois ou tres outros — entre outras virtudes que exalta na Egreja, salienta esta: a de manter intactas, sem as confundir, energias divergentes, tragicamente divergentes até, como o culto da familia e o culto da virgindade. (1) O vermelho e o branco, O vermelho vivo e o branco puro. Conserva-os a Egreja Catholica a parte emquanto o protestantismo — accrescente-se a Chesterton — preferiu reunil-os no côr de rosa da temperança burgueza.

Eis o que nos faltou no Imperio e muito por falta do monarcha: o embate de divergencias conservando-se divergentes: o branco e o preto; energias definidas; uma orthodoxia mais forte contra o liberalismo absorvente.

É bem typica do estado de *anomalia defestavel* a maneira estupidamente lyrica por que se fez afinal a lei da Abolição. *Diz-se* — escreve o sr. Oliveira Lima (11) — *que quando o Ministro da Agricultura leu á Camara dos Deputados a proposta governamental, o enthusiasmo foi tal no recinto e nas galerias que elle não ousou ler um segundo artigo fixando uma justa indemnização aos donos de escravos, muitos delles reduzidos a precarias circumstancias.* E hoje nos parece espantoso que não houvesse uma voz orthodoxa com a coragem de desdenhar da popularidade, e sobrepôr o bom senso ao lyrismo de uma hora de exalta-

Estupidez lyrica.

(1) Gilbert K. Chesterton — Orthodoxy. (11) Oliveira Lima — Aspectos da Historia e da Cultura do Brasil.

ção parlamentar. Mas é que não tínhamos, como não temos hoje, verdadeira representação dos grandes interesses brasileiros nos parlamentos. A representação é—na theoria—toda jurídica. E na pratica, de confiança pessoal do presidente ou governador.

*O Imperador
e a nobresa.*

É natural que a rustica nobresa de senhores de engenho se separasse como a Egreja—e sobre este ponto vos recommendo a leitura de recente e agudo trabalho do sr. Luiz Cedro sobre D. Vital (1)—do throno que a não prestigiava. E entretanto desta rustica nobresa o Imperador poderia ter feito uma das forças do throno, e uma grande força brasileira.

Bem pittorescos, os começos da nobresa de titulo no Brasil imperial. Da nobresa de titulo de Pedro II. São titulares de nomes de um sabor muito brasileiro, muito da terra, arveezadamente guaranys, alguns. Nomes de rios. Nomes de cachoeiras. E ouriçados de syllabas que devem ter sido a tortura dos diplomatas europeus obrigados a pronuncial-as: Baependy, Sepetiba, Cayrú, Macahé, Sininbú, Itaborahy, Itanhaem, Sapucahy, Paranaguá, Abaeté—e o mais curioso de todos, antes caricatura de nome do que mesmo nome: Gê Açayaba Montezuma de Jequitinhonha. São homens, na grande maioria, nascidos e creados em engenhos de assucar ou fazendas de crear. Tomam rapé. Limpam-se com lenços de Alcobaca sarapintados de vermelho. Rapam a cara toda como Zacharias ou conservam um collar de barba como Euzebio ou usam suíssas israelíticas de banqueiro como Paranhos. Sabem latim, aprendido com o capellão do engenho ou o tio padre ou o mestre regio. Montam elegantemente a cavallo. Os do Norte sabem manejar a faca de pon-

(1) Luiz Cedro—Um Bispo de Olinda—Livro do Nordeste, ed. "Diario de Pernambuco." 1925.

ta com cabo de prata. Multiplicam-se biblicamente em filhos, crias, muleques, mulatos. Descendem alguns daquella fidalguia cheia do espirito de aventura que para o Brasil veio de Portugal, da Hespanha, de Florença, da Hollanda; bohemios da fidalguia que aqui deixaram empallidecer, sob o sol forte da vida livre e ao requieime de faceis amores, os azues e os vermelhos dos seus brazões.

É desta nobresa que um D. Pedro II mais marcial, mais homem de acção, mais identificado com as urgencias do momento, mais vibrante, poderia ter feito uma grande nobresa, animada de viva *consciencia de especie*; e de uma noção mais clara de responsabilidade e de mando.

Houve no parlamento de Pedro II, uma curiosa figura de orthodoxo. Um romantico da Orthodoxia. Um exquisitão do Bom Senso. Foi Martinho Campos. (1) Martinho Campos—um plantador de Minas Geraes. A exquisitice do seu chapéu de Chile de senhor de engenho branqueija quase escandalosamente entre as cartolas parlamentares do Segundo Imperio. É o romantico do Realismo Politico no Brasil. Tem o espirito do Senhor de Engenho. Sente que a *nobresa obriga*; e que uma das obrigações da nobresa é a de mandar, dirigir, proteger. Por isto é anti-abolicionista: *Cá por mim—* exclamou no Parlamento Federal—*sou e serei sempre escravo-crata da gemma. É dever meu sel-o...hei de saber cumpril-o...*

*Um exquisitão
do Bom Sen-
so.*

Receiava o que de facto succedeu, o que é hoje reconhecido do ponto de vista economico como do hygienico e social e politico: que a repentina abolição, muito bonita para effeito de repercussão europea, fosse a desorganisação da vida brasileira e a infelicida-

(1) A Martinho Campos consagra interessantes paginas o Visconde de Taunay nas suas "Reminencias."

de dos proprios pretos. A voz quase esquecida de Martinho Campos e a de Zacharias de Góes e de Teixeira Leite—vozes orthodoxas perdidas no côro da oratoria liberal—são vozes a reviver hoje, para que se escreva sem preconceitos sentimentaes a historia social do Brasil, e para que se fixe mais intelligentemente uma tradição orthodoxa entre nós. Ao Segundo Imperio faltaram mais Martinhos Campos, e a Pedro II um pouco de Martinho Campos, alguma coisa de Frei Vital, outro tanto de Zacharias. Faltou-lhe a noção exacta do lado para o qual deveria ter pendido, naquella funcção de *poder moderador* que tanto discutiram os theoricos da epocha. Faltou-lhe a coragem de ser o que o seu sangue, a tradição do seu nome, a necessidade do momento e o proprio futuro brasileiro pediam que elle fosse.

*Doce figura
divorciada do
momento.*

Foi uma doce figura, e hoje nos apparece, na evocação deste dia em que o Brasil quase grita para as sombras do seu passado monarchico um *Aqui d'el Reil* de saudade, como uma das mais doces figuras da nossa historia. Apenas o momento queria-o mais acre, mais incisivo, mais duro.

*Receita
de Fradique
Mendes.*

Fradique Mendes—de quem as pesquisas do meu saudoso amigo Antonio Sardinha mostraram que era no intimo um anti-liberal extremo—via num imperador moço, são, de bom parecer, bem brasileiro—a *chance* de desembaraçar-se o Brasil do *tapete europeu*. (1) Uma linda receita: apenas o nome do remedio está em lettra de medico. Pareceu claro quando surgui D. Luiz. Era quem logicamente deveria rectificar a acção do avô—aquelle Principe Dom Luiz, era quem logicamente deveria reintegrar o Brasil na sua tradição monarchica.

(1) Eça de Queiroz—"Ultima carta de Fradique Mendes."

Mas agora que D. Luíz é morto, como se rectificará a historia brasileira? Um optimista diria que por um presidencialismo mais e mais accentuado nos seus lampejos monarchicos, nas suas tendencias de realza effectiva. Um radical desejará que Dom Sebastião volte. E o sebastianismo não faz mal aos povos.

Sebastianismo.

Meus senhores: a D. Pedro II a gloria que elle merece. Doce velhinho de quem a vida quiz fazer um Rei Lear—rendamos á sua memoria todo o amor que ella merece. Elle é grande, no seu justo relevo humano. E falando de sua vida, entre estes livros, com o espirito crítico que elle teria comprehendido e estimado, prestamos-lhe uma homenagem particularmente digna de quem amou o candor intellectual. (1)

Dom Pedro II, grande no seu justo relevo humano.

Estive, meus senhores, para deixar a meio o trabalho que vos acabo de lêr, com vergonha de hospedar assumpto tão nobre em casa de andar terreo e de porta e janella. Em casa de taipa. Nós vivemos numa cidade em que os recursos bibliographicos difficilmente permittem outro typo de construcção. Não ha andaimes para levantar edificios alem do primeiro andar. O illustre director desta bibliotheca ha de gentilmente perdoar semelhante declaração na principal sala da principal bibliotheca do Estado. Mas é opportuno falar assim, em prol dos livros, no centenario de quem, como Pedro II, amou demasiadamente os livros.

Amigo dos livros.

(1) «Elle (Dom Pedro II) tinha o gozo athletico do campeonato das idéas. Amava agital-as; queria vel-as defendidas, mesmo contra si, por homens livres, capazes de sustental-as com denodo e de esgrimil-as com arte.» (Assis Chateaubriand, O JORNAL, 2 de Dezembro de 1925.)